Fundamentos ditam o caminho: o momento é de se proteger, não de apostar!

Apesar do viés predominantemente baixista, sustentado pelas perspectivas de safra recorde no Brasil, o mercado segue encontrando algum suporte pontual nos prêmios de risco embutidos nas cotações devido às incertezas logísticas e financeiras decorrentes do conflito no Oriente Médio. A desvalorização do dólar representa outro vetor de sustentação das cotações nas principais bolsas de café do mundo. Contudo, ambos os fatores são voláteis, imprevisíveis e carecem de consistência, ao contrário da safra brasileira, cujo potencial recorde segue ganhando contornos reais e impossíveis de serem assimilados sem ajustes negativos pelo mercado. Vale lembrar que, historicamente, os fundamentos de oferta e demanda tendem a prevalecer sobre variáveis externas de curto prazo. No período de transição para a nova safra brasileira, essa dinâmica tende a se intensificar, abrindo espaço para pressões adicionais sobre os preços, o que reforça a importância de uma estratégia comercial ativa e bem estruturada por parte dos cafeicultores. **Fatores altistas**: A safra dos Canephoras, cuja colheita se inicia um pouco mais cedo, segue com o ritmo aquém do esperado e com alguns registros de rendimento abaixo do esperado; Valorização dos diferenciais de base dos Canephoras; Oferta imediata, ou seja, disponibilidade segue extremamente limitada haja vista que a colheita no Brasil, de um modo geral, ainda está em fase inicial; Queda de 21,2% nas exportações brasileiras do 1º trimestre de 2026; Estoques certificados das Bolsas de Londres e NY seguem em níveis extremamente baixos; De acordo com o USDA, diante o aumento da demanda global, o percentual de estoques de passagem diante a demanda global, ao final do atual ciclo, está previsto para atingir um nível extremamente crítico, incapaz de suprir sequer um mês e meio do consumo mundial, o que mantém os preços altamente sensíveis a qualquer adversidade climática; O avanço do calendário em direção ao inverno brasileiro sempre reacende os alertas para as possibilidades de geadas nas regiões produtoras; O El Niño, que segue em pauta, traz riscos de chuvas excessivas para regiões que estão colhendo Arábica e aumenta o potencial de seca em outras localidades, tais como Espírito Santo, Indonésia e Vietnã; Ainda há o prêmio incorporado nas cotações do café pelos riscos logísticos e econômicos ocasionados pelo conflito no Oriente; A desvalorização cambial do dólar atua como suporte para as cotações nas principais bolsas mundiais; A alta do Petróleo costuma exercer efeito de sustentação sobre os preços do café. **Fatores baixistas**: A proximidade de uma safra recorde no Brasil, cujas estimativas continuam sendo revisadas para cima devido ao clima favorável neste início de ano; O avanço gradual da nova safra, que deve injetar maior liquidez e oferta no mercado; incremento das exportações do Vietnã, impulsionado pela recuperação da safra 2025/26; O avanço da colheita e das exportações dos cafés da Indonésia; Curva de preços na Bolsa de NY e de Londres invertida (backwardation), com o mercado disponível negociado com prêmio sobre os vencimentos futuros; Apesar dos prêmios logísticos e financeiros nos preços do café, a instabilidade no Oriente Médio e os juros altos elevam a volatilidade cambial e a aversão ao risco, criando um cenário de pressão sobre os preços do café; A desvalorização do Dólar que, juntamente com o alargamento dos diferenciais de base dos Arábicas, pressiona mais ainda os preços pagos ao produtor no mercado físico interno; tecnicamente (análise gráfica), café perdeu força e segue com forte viés de baixa.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Por que o momento é de se proteger e não de apostar? *Diante o cenário predominantemente baixista, com a safra recorde do Brasil avançando e com a pressão crescente sobre as cotações, o cafeicultor não deve criar muita expectativa em cima de uma reversão espontânea do mercado. Assim sendo, a estratégia mais prudente é reduzir a exposição ao risco sazonal antes que a pressão sobre os preços se intensifique com o avanço da colheita, ou seja, antes que a pressão sazonal se torne ainda mais intensa. Nesse contexto, a combinação mais equilibrada passa por*

realizar parcialmente o disponível (ou os primeiros lotes colhidos), enquanto os preços à vista ainda se mantêm acima das referências para o segundo semestre, e travar uma parcela da produção a termo, pois, embora os preços futuros sejam inferiores aos atuais, seguem assegurando rentabilidade expressiva, da ordem de 100%, o que justifica a proteção. A ideia é que venda parcial do disponível somada à trava para o segundo semestre garanta minimamente o break-even (ponto de equilíbrio) da operação, ou seja, o pagamento dos custos de produção, pois assim o produtor se protege de qualquer possibilidade de prejuízos que possa existir. Além disso, como no mercado de café, nada é impossível, é sugestivo que uma parcela seja retida estrategicamente para capturar eventuais janelas de alta geradas por fatores externos como câmbio, geopolítica, El Niño ou, quiçá, uma geada que, embora não muito provável para esse ano, meras previsões geralmente criam oportunidades. ***Em síntese, o atual cenário exige atuação estratégica e ativa do produtor no mercado: proteção financeira agora vale mais do que a aposta em uma alta cujos fundamentos de oferta e demanda, por ora, não sustentam****.*

Varginha, 08 de maio de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé